

São João de Braga: fios do presente na teia da memória¹

Luiz Tadeu Feitosa & Fábio Freitas Marques

A cidade de Braga, com sotaques culturais modernos e resquícios romanos, revela em seus ritos de calendário diálogos imemoriais com as gerações atuais, renova-se com a mesma desenvoltura com que guarda segredos que estimulam saberes ao descortinar o que está por trás da Bracara Augusta e seus eventos festivos. Nas homenagens anuais a São João Baptista, santo católico carinhosamente tomado pelos bracarenses como “São João de Braga”, o que se vê ano após ano é a atualização de um mito absolutamente aberto a interações, a mediações e a compartilhamentos com o contemporâneo. Não por acaso, este ensaio demonstra em imagens ritmos melódicos a promoverem diálogos entre gerações, atualizando tradições e tecendo novas dicções simbólicas.

Assim, é que temos um São João padroeiro e cúmplice dos desejos que escuta e que quase parece dizer “Sim” aos segredos que se lhe são apresentados pelos bracarenses de quem ele é conterrâneo. Conforme os ritos sagrados sugerem e parecem ratificar nas festas populares, pode ser visto neste ensaio fotográfico a mistura cultural quase harmônica do sagrado e do profano. São imaginários a alimentar a “teia de significados” de que nos fala Geertz (1989), descortinando sentidos vários e ratificando a natureza dinâmica da Cultura, que transcende épocas para ser atemporal. Os ritos e seus signos não verbais nos mostram uma cultura dos encontros, dos diálogos, das reminiscências, mas também da renovação, ainda que midiaticamente reformulada pela “cultura das mídias” (Santaella, 2003) e seus fios narrativos contemporâneos.

Ritos a revisitar a memória e a comprovar seu caráter renovador, bem diferente da ideia equivocada de uma tradição como se essa fosse a representação de um quadro

¹ Este ensaio foi produzido no âmbito de atividades da Passeio - Plataforma de Arte e Cultura Urbana, vinculada ao Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (CECS/UMinho).

amarelado pelo tempo ou de uma foto antiga fossilizada numa parede. Não, tais ritos entram na dinâmica cultural das construções de sentidos e assumem dela seus fios narrativos em devir. Braga expressa em ritos, ritualidades, simbologias e signos vários as travessias e deslocamentos históricos e culturais de um povo, com seus sonhos e desejos, com suas dúvidas e anseios, com seus imaginários a tecer cotidianos hedônicos, em tempos que se nos apresentam cada vez mais agônicos. Isso parece bastar para a cidade, que se enfeita, que se entrega a novas interpretações, a revisitar seu passado, a abrir-se às interlocuções de novos tempos, novos caminhos, novas expectativas.

Imersos em cotidianos festivos, inventados e reinventados culturalmente, como nos diz Michel de Certeau (1994), vemos idosos e crianças a garantirem, com suas inventividades, táticas e artimanhas simbólicas, a continuidade das memórias – as individuais (Bergson, 1999) e as coletivas (Halbwachs, 1990) – que se corporifica em procissões litúrgicas, mas também a partir de um hedonismo profano, retificador, redentor, promissor. Se a cidade é um elo entre pessoas que nela vivem, um laço que ancora memórias diversas no espaço (Abreu, 1998), também o é a festa. Editada e renovada a cada ano, ancora no presente as práticas, as vivências, os ritos partilhados por diferentes gerações. Materializa-se a ponto de ser ela própria um lugar (simbólico) de memória (Candau, 2005).

Nas festividades deste ensaio e naquilo que salta para além dele, vimos um São João menino, metáfora de continuidade e idealização de um povo e de um santo conterrâneo, como representado pelo menino a marchar solenemente com seu cordeiro ou nas audiências que se perfilam em tons solenes, mas também em liturgias discursivas que atualizam o tradicional no contemporâneo, o sagrado no profano, a dizer que cultura, memória e tradição são entidades e fenômenos semióticos num devir de “semioses ilimitadas”, como sentenciou Charles Sanders Peirce (1999). Dessa forma é que emprestamos ao atual ensaio fotográfico oportunidades de nossos leitores vislumbrarem rituais também midiáticos, como o presenciado na ação performática da menina em fotografar o que lhe toma o olhar e o lhe aguça os sentidos, mas também – e ao sabor das mediações infinitas dos leitores e suas práticas leitoras – as múltiplas potencialidades das mediações culturais ou midiáticas.

Não obstante os diálogos e mediações simbólicas da tradição com a contemporaneidade, dos mitos em devires de atualização e da máxima atual de informações e imagens em exposições quase simultâneas às ações que representam; a despeito de ainda vermos mitos e ritos abertos a interações, a mediações e a novas interatividades com os espaços públicos, vivemos também as contradições desses tempos a reger as imagens de nossos cotidianos sob um véu de sentidos outros.



Referimo-nos às imagens de crianças que precisam se mostrar borradas, enquanto os cotidianos, em suas táticas de visibilidades simbólicas e culturais, as mostram prenes de emoções, de deixas simbólicas expressadas por sorrisos ou outros signos de expressão. As imagens borradas dificultam os liames necessários entre fotos que foram feitas a mostrar o que os signos translúcidos teimam em esconder. Ao optarmos por borrar os rostos infantis, tornando a mediação menos transparente, entretanto, adicionamos às imagens nova camada de sentido, expondo-nos a desafios do tempo corrente, a discussões éticas que necessitam ainda de maior aprofundamento.

Referências bibliográficas

- Abreu, M. D. A. (1998). Sobre a memória das cidades. *Revista Território*, Vol. 3 N° 4, 5-26. Consultado em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>
- Bergson, H. (1999). *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Candau, J. (2005). *Antropologia da Memória*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora.
- Peirce, C. S. (1999). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva Editora.
- Santaella, L. (2003). Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista Famecos*, N° 22, 23-32.

Luiz Tadeu Feitosa é Professor Titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), desde 1992. Graduado em Biblioteconomia pela UFC – 1989. Mestrado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP – 1996. Doutorado em Sociologia pela UFC – 2002. Faz estágio pós-doutoral no Centro de Estudos de Comunicação e Sociologia, Universidade do Minho, 2018/2019. Leciona no Mestrado em Ciência da Informação da UFC. Pesquisa sobre Cultura e Mídia; mediação da informação e da comunicação; Sociologia da mídia e da informação.

✉ tadeu.feitosa62@gmail.com

Fábio Freitas Marques é investigador na plataforma Passeio e doutorando em Estudos Culturais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (ICS/UMinho). É mestre em Comunicação, Arte e Cultura por esta mesma instituição, e graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua como jornalista especializado em cultura. Desenvolve pesquisa na área da comunicação e dos estudos culturais, com especial interesse em música popular.

✉ ffreitasmarques@gmail.com













